

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.

23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Estratégias de comunicação em redes sociais: a Rede Alerta Contra o Deserto Verde

Erick Alessandro Schunig Fernandes – Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo:

A ideia de rede pode estar vinculada a alternativa de organização que possibilita processos de atuação e articulação dentro da sociedade. Com o objetivo de analisar as estratégias de comunicação dentro de uma rede de movimentos sociais e organizações não governamentais, foi desenvolvido um estudo de caso tomando como objeto as estratégias de comunicação utilizadas pela Rede Alerta Contra o Deserto Verde, no ano de 2002. Neste período foram realizadas diversas ações de comunicação visando transpor a influência do setor empresarial de celulose na mídia e chamar a atenção para os impactos causados pela expansão dos plantios de eucalipto no Espírito Santo. Para este estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, levantamento documental e entrevistas com fundadores das organizações integrantes desta rede. Os resultados mostram que apesar da influência do setor de celulose, o planejamento executado pela Rede Alerta conseguiu atrair a atenção da mídia e da população em relação aos impactos da monocultura de eucalipto.

Palavras-chave: rede, movimentos sociais, comunicação.

Introdução

A atuação de movimentos sociais e organizações não governamentais (ongs) vem se constituindo num dos principais mecanismos para a construção da cidadania, através da sua atuação junto à grupos de excluídos dentro da sociedade. Uma exclusão provocada pela imposição de um pensamento desenvolvimentista baseado num modelo de crescimento econômico desigual, onde a natureza é transformada em *commodity* e a diversidade cultural é ignorada.

Nesse contexto, a questão ambiental tem se constituído num dos principais temas presentes de discussão mundial e vem sendo fomentada por agentes que caracterizam o chamado

movimento ambiental. Esses agentes tem se destacado pela introdução de novas temáticas sobre a relação entre homem e natureza, bem como o questionamento referente ao atual modelo de desenvolvimento, baseado na exploração dos recursos naturais em prol do consumo.

Na busca de maior visibilidade e eficiência para a difusão de suas ideias com intuito de chamar a atenção da sociedade, o movimento ambiental vem buscando criar e assimilar novas estratégias de comunicação. Aspecto que revela a produção de um modelo de comunicação com características diferenciadas do modelo praticado pelos grandes veículos de comunicação.

Esse modelo de comunicação produzida pelo movimento ambiental vem almejando uma perspectiva que abrange a promoção do debate, o compromisso social e diálogo, numa escala maior do que é proposta pelos grandes veículos de comunicação. É uma comunicação que surge a partir da necessidade de divulgar as situações de conflito envolvendo a questão ambiental a sua situação, exigindo mudanças por parte das autoridades, além da possibilidade de estabelecer um diálogo com a sociedade.

O objetivo desse trabalho é desenvolver uma análise das estratégias de comunicação desenvolvidas por uma rede de movimentos sociais e ongs denominada Rede Alerta Contra o Deserto Verde ou Rede Alerta. O estudo analisou as atividades desenvolvidas pela referida Rede entre os meses de julho a agosto de 2002, ano em que foi inaugurada a terceira unidade fabril da empresa Aracruz Celulose S.A¹. As ações tiveram o intuito de divulgar os impactos causados pela referida empresa e do setor de celulose no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia.

Nesses estados a monocultura de eucalipto ou deserto verde² vem causando uma série de impactos socioambientais em comunidades como indígenas, quilombolas, agricultores, pescadores e carvoeiros. Em virtude da influência do setor de celulose, a maioria dos veículos de comunicação nesses estados, em especial no Espírito Santo, ignorava esses impactos, o que levou agentes de movimentos sociais a se mobilizarem e criarem estratégias de comunicação.

¹ Em 1º de Setembro de 2009 foi oficializada uma fusão entre os grupos Aracruz e Votorantim Celulose e Papel, quando então a empresa passou a ter a denominação de Fibria.

² O termo deserto verde utilizado para designar a monocultura de árvores em grandes extensões de terra para a produção de celulose.

Para a realização deste estudo de caso, trabalhamos com as informações oriundas de levantamento documental, entrevistas semiestruturadas com fundadores da Rede Alerta e pesquisa bibliográfica com autores que deram suporte teórico para discussão desenvolvida neste estudo.

O movimento ambiental e a comunicação

O movimento ambiental vem desde o século XX ocupando lugar de destaque através de sua organização e atuação a fim de conseguir visibilidade. Contudo, autores como Castells (2001) e McCormick (1992) ressaltam que, ao falarmos de movimento ambiental, estamos nos remetendo a grande diversidade de ações coletivas, políticas e de discursos agrupados sob o debate ambiental, o que impede de considerá-lo um único movimento. Essa diversidade que envolve o movimento ambiental não se caracteriza apenas pelos agentes que o integram, mas também pela sua forma de organização, dotada de características como descentralização e atuação em rede, além do alto grau de penetração junto a sociedade.

Podemos situar o movimento ambiental inserido num contexto mais amplo e que envolve uma gama de agentes que questionam ao modelo de sociedade existente. Autoras como Scherer-Warren (1996) e Ghon (2002) identificam no final do século XX o surgimento de novos grupos e mediadores que almejam atuar no sentido de estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado e sociedade civil, bem como no interior da própria sociedade civil nas relações de força entre dominantes e dominados.

Uma das principais características desses agentes que emergem no final do século XX está relacionada à ideia de um projeto alternativo em construção, da qual resultará numa ruptura com o tipo de modelo econômico de desenvolvimento estatal e cultural. Essas modificações visam a elaboração de um plano de ações concretas da sociedade civil, representando a possibilidade de fortalecimento da sociedade civil em relação ao próprio aparelho de Estado e a forma tradicional da ação política através dos partidos.

Scherer-Warren (1994, p. 54) observa que a atuação desses agentes parte da noção de existência de um autoritarismo relacionado a ação das elites e que também é reproduzido pelas classes dominadas em suas práticas cotidianas. Para a autora esses novos grupos

almejam atuar no sentido de estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado e sociedade civil, sendo que esta última também é passível de mudanças através das relações de força entre dominantes e dominados. No Brasil, esses agentes emergem com objetivo de redefinir o espaço da cidadania, abalada principalmente durante o regime militar devido a uma exclusão relativa aos aspectos econômicos, políticos e cultural/ideológicos.

Seu surgimento é considerado por Scherer-Warren (1994) como um fenômeno mundial e envolve uma discussão sobre direitos que ainda não são alcançados em sua totalidade ou negados. Nesse aspecto, surge o debate sobre a necessidade de um meio ambiente ecologicamente equilibrado e qualidade de vida como um direito fundamental para todos os indivíduos da sociedade. Na luta por esse direito, o movimento ambiental vem utilizando estratégias visando realizar denúncias, divulgar ações, mobilizar e, acima de tudo, criar estratégias que possibilite chamar a atenção da população para a questão ambiental.

Um dos aspectos em relação a essas estratégias é a atuação em Rede. Podemos aqui entender o conceito de rede a partir da perspectiva de Castells (1999, p. 566) que a entende como um conjunto de nós interconectados. Contudo, é interessante destacar a definição de Rabelo (2004, p. 5), que trabalha a ideia de rede como consequência de gente, encontros, projetos e desejos comuns. Nesse aspecto, os movimentos sociais, em específico o ambiental, percebe que atuação e organização em Rede traz novas possibilidades de estratégias e formas de mediações junto ao público visando atingir os seus objetivos.

Dentro da atuação em rede que vem caracterizando as ações do movimento ambiental, a comunicação adquiriu um status especial, tanto para difusão de suas pautas quanto para mobilização e organização. De acordo com Castells (2001), o movimento ambiental vem demonstrando grande capacidade de adaptação às condições de comunicação e mobilização apresentadas pelo novo paradigma tecnológico. Fator que eleva as práticas de comunicação à categoria de elemento estratégico e fundamental para adquirir visibilidade. Para conseguir o seu intento, esses agentes passaram a agir na perspectiva de produção de conteúdos, mobilização e interatividade a partir do ciberespaço ou de novas tecnologias de informação e comunicação.

Para autores como Castells (1999), o movimento ambiental integra uma nova sociedade que se caracteriza por novas práticas sociais e utilização das tecnologias da informação.

Segundo este autor, nessa nova sociedade surgem novas formações sociais onde o processo de comunicação cria uma interface entre campos tecnológicos a partir de uma linguagem digital comum. Nessa sociedade a informação pode ser intercambiada e difundida numa velocidade cada vez maior, trazendo uma perspectiva que abarca tanto a busca por conhecimento e informação, quanto a ideia de autogestão.

Cabe ressaltar que, ao falarmos de comunicação neste estudo, não estamos nos limitando as possibilidades do uso ciberespaço. Peruzzo (1998) chama a atenção para a importância de outras formas de comunicação que se estabelecem a partir da comunidade, denominada pela autora de comunicação alternativa. Segundo autora, a comunicação considerada alternativa se estabelece num contexto onde a padronização e a impregnação pelo consumo propicia o esgotamento das formas e das opções, Nesse cenário cresce a inserção de novos atores informativos e novas propostas comunicacionais alternativas que visam questionar as grandes redes de informação.

No caso específico da Rede Alerta Contra o Deserto Verde, as entidades que a integram, chegaram a conclusão de que o tipo de informação produzida nos veículos de comunicação do Espírito Santo não conseguia reproduzir a realidade dos fatos em função da influência política e econômica de setores empresariais. Essa constatação parte da premissa de que existe uma invisibilidade criada pela mídia no tocante as ações de movimentos sociais que visam questionar o modelo de desenvolvimento imposta a sociedade. Essa invisibilidade seria provocada por interesses empresariais que se sobrepõem ao da sociedade, definindo o que deve ser divulgado pelos veículos de comunicação.

Esse pensamento levou agentes ligados ao movimento ambiental, como a Rede Alerta, a empreender esforços na busca por alternativas comunicacionais. A partir da utilização da tecnologia e de formas alternativas de comunicação, questões locais, referentes à uma comunidade localizada num território, passaram a ganhar uma dimensão mundial. Na ótica do movimento ambiental e de outros movimentos sociais, a comunicação passou a ser encarada como expressão de um contexto de luta, voltada ao combate à degradação das condições de existência e pela defesa da vida. Constitui-se uma necessidade expressão e organização enquanto recurso para existência desses agentes e de construção de uma nova sociedade.

O surgimento da Rede Alerta Contra o Deserto Verde

A Rede Alerta Contra o Deserto Verde tem sua origem ligada a luta das comunidades indígenas pela demarcação de suas terras no início da década de 90. Segundo o Relatório Sobre a Implantação e Atividades do Grupo Aracruz no Território Capixaba (REDE ALERTA CONTRA O DESERTO VERDE, 2002), durante a implantação da monocultura de eucalipto e do complexo industrial da empresa Aracruz Celulose, a partir da década de 60, o referido grupo empresarial ocupou uma grande concentração de terras no Espírito Santo. Segundo esse documento, uma parte dessas terras pertencia a pequenos agricultores ou a comunidades tradicionais, como indígenas e quilombolas, cujas famílias foram expulsas ou sofreram impactos causados pela atividade da empresa.

O relatório ressalta que essa ocupação foi legitimada pelo Estado e seguiu uma lógica desenvolvimentista imposta no Brasil durante a ditadura militar. Essa situação foi alvo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, em 2002, onde foi constatada a violação de direitos e expulsão dessas comunidades tradicionais, com o objetivo de ocupar suas terras com plantios de eucalipto.

Esse processo de violação de direitos deu origem a um movimento ambiental contrário a essa lógica desenvolvimentista patrocinada pelo Estado. A partir de relatos de entrevistas realizadas com fundadores da Rede Alerta, Fabio Villas (ex-integrante do Conselho Missionários Indigenista do Espírito Santo – Cimi-ES) e Winfried Overbeck (ex-técnico da Federação de Órgãos Para Assistências Social e Educacional – Fase-ES), em 2004, foi possível identificar o contexto e os motivos que deram origem ao seu surgimento.

Segundo os entrevistados a iniciativa de formação da Rede Alerta tem início com a participação das comunidades indígenas capixabas no fórum “Campo e Cidade”, um encontro que reuniu vários de movimentos sociais, ongs e sindicatos do Espírito Santo, na década de 90. Segundo eles o objetivo desse fórum era promover uma articulação entre esses agentes com intuito de apoio em suas lutas.

De acordo com Fabio Villas (Cimi-ES), o foco inicial dessa articulação eram as lutas populares e não tinha caráter especificamente ambiental, onde as discussões abordavam desde o tipo de apoio que seria dado a uma entidade até a estrutura de uma possível manifestação. Villas relata que inicialmente existia uma coordenação composta de

representantes de várias entidades como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento Nacional dos Direitos Humanos (MNDH), Movimento de Luta pela Moradia (MLPM), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Federação de Órgãos Para Assistência sócia e Educacional (Fase-ES), CUT, sindicatos, além de representantes de gabinetes de deputados estaduais.

Villas afirma que o fórum acabou em 1998 devido ao que ele considera ter sido ser uma crise na luta política daquele período e uma retração dos movimentos populares, em virtude do momento político que o Estado passava com o fim do Governo Vítor Buaziz. Um governo cercado de grandes expectativas por parte dos movimentos sociais, o que na prática não se concretizou.

A ideia de atuação em rede começa a partir de 1999, a partir do surgimento do Movimento Alerta Contra o Deserto Verde. Segundo Winfried Overbeck (ex-técnico da Fase-ES), essa iniciativa teve origem a partir de um decreto do então governador José Inácio Ferreira, cuja finalidade era duplicar as áreas de plantio de eucalipto no Espírito Santo. Segundo ele, isso gerou uma reação da sociedade civil, especificamente entre os índios, carvoeiros, ongs e movimentos sociais. Esses agentes organizaram uma mobilização contra esse decreto, culminando num protesto em frente a antiga sede Assembleia Legislativa do Espírito Santo, localizada no Centro de Vitória, além da elaboração de uma carta com a assinatura de várias entidades contrárias a medida do governo estadual.

Para Overbeck, o movimento institucional que deu origem a Rede Alerta foi uma reação a esse projeto de expansão do plantio de eucalipto que deu origem a uma série de impactos sobre comunidades locais. A reação tinha também por objetivo estabelecer uma regulamentação desses plantios no Estado do Espírito Santo. Segundo ele as entidades que participaram dessa mobilização concluíram que o aumento dos plantios de eucalipto foi uma demonstração do poderio econômico e da articulação política da empresa Aracruz Celulose. Dessa forma, as entidades decidiram que era hora de aumentar a sua articulação e resistência e isso só poderia ser feito através de uma rede.

A ideia de atuação em rede surgiu com o objetivo de aumentar a parceria entre comunidades tradicionais e as ongs e movimentos sociais que as apoiavam. Ao mesmo tempo revelava-se como uma proposta alternativa de atuação, tecendo críticas ao terceiro setor, vinculado a empresas e instituições financeiras, que se beneficiam utilizam ongs com

o objetivo de criar uma ideia de responsabilidade social objetivando aumentar o seu mercado.

Ainda de acordo com Overbeck a ideia que envolve o debate promovido pela Rede Alerta visa não se restringir a questão ambiental. Desde a sua origem, a Rede tem o objetivo de promover uma discussão sobre o modo de vida dessas comunidades que foram impactadas apresentando um questionamento a ideologia de que o desenvolvimento do Espírito Santo está apoiado em grandes projetos econômicos, como o apresentado pelo setor de celulose.

Nesse processo de construção da Rede Alerta, a comunicação passou a ser encarada como uma necessidade a ser debatida entre seus integrantes. Um dos motivos está relacionado ao envolvimento de várias comunidades e a diversidade de ações promovidas pela Rede Alerta, o que levou os agentes que integram a referida rede a pensar numa forma eficaz de comunicação entre os segmentos que compõem a rede. Outro aspecto envolveu a falta de visibilidade dos eventos promovidos logo no início da Rede Alerta. Fato que levou os membros da Rede a conclusão de que seria necessário estabelecer uma estratégia de comunicação para quebrar aquilo que eles definiam como boicote da mídia do Estado do Espírito Santo sobre as notícias divulgadas pelo movimento.

A Primeira Quinzena de Resistência ao Deserto Verde

Para melhor compreensão das estratégias de comunicação elaboradas pela Rede Alerta analisaremos as ações desenvolvidas durante a “I Quinzena de Resistência ao Deserto Verde”, realizada em 2002. A Quinzena de Resistência consistiu numa série de atividades realizadas pela rede nos quinze dias que a antecederam inauguração da terceira fábrica da empresa Aracruz Celulose, localizada em Barra do Riacho, bairro do município capixaba de Aracruz (Figura 1).

A Quinzena teve o objetivo de protestar contra a inauguração desse empreendimento, o que na ótica da Rede Alerta configurava-se num símbolo dos avanços dos impactos socioambientais no Espírito Santo e outros estados. As manifestações procuraram mostrar o repúdio dos movimentos sociais a essa iniciativa, além de realizar uma grande divulgação junto a mídia nacional e internacional referente a luta contra a expansão da monocultura de eucalipto e seus impactos. Essas ações também visavam chamar atenção

de representantes políticos estaduais e federais, como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que esteve presente na inauguração do empreendimento.

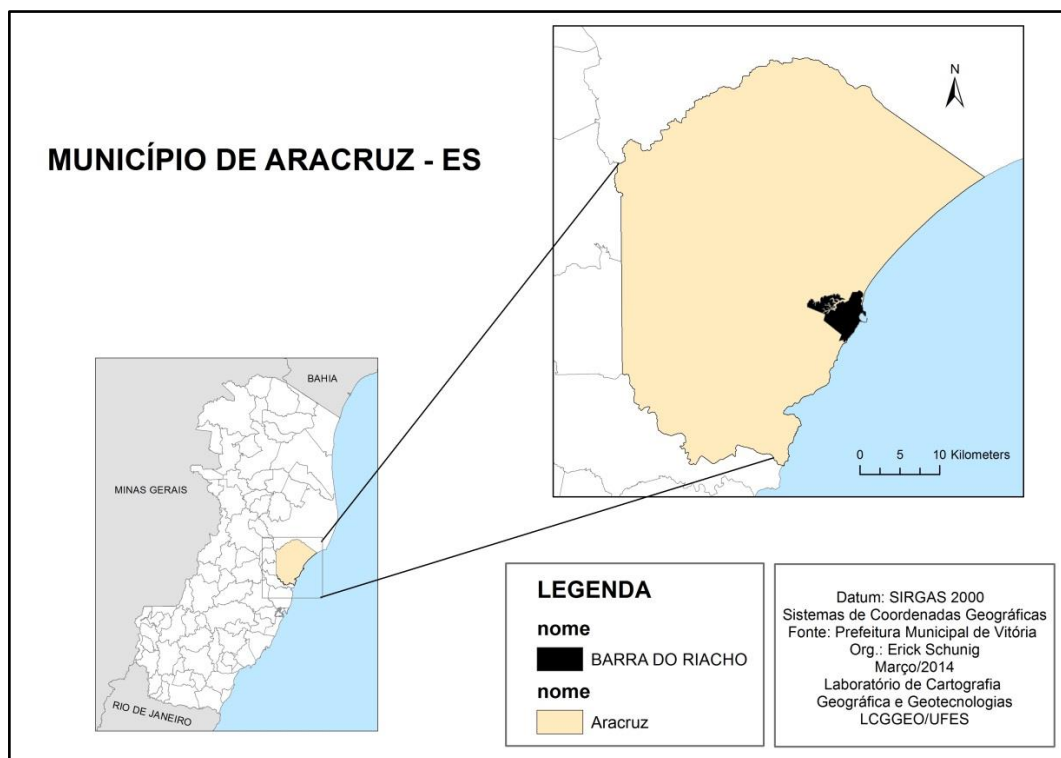


Figura 1: localização do município de Aracruz e de Barra do Riacho, local que concentra o complexo industrial de celulose.

A partir de um cronograma desenvolvido pelas entidades, as manifestações foram realizadas nos três estados que concentravam entidades membros da Rede Alerta: Espírito Santo, Rio de Janeiro e Bahia. No Espírito Santo, um dos locais escolhidos foi o município de São Gabriel da Palha, cidade onde a empresa Aracruz havia aumentado sua área de plantio de eucalipto. Vitória foi outro local escolhido para a realização de manifestações, devido a sua importância política envolvendo a concentração de instituições representantes do Poder Público e por abrigar sedes de investidores no setor de celulose, como o Banco Safra (Figura 2). O ponto alto da Quinzena de Resistência foi a manifestação realizada no município capixaba de Aracruz, quando foram reunidas, em frente a área industrial da empresa, cerca de 800 pessoas no dia da inauguração da sua terceira unidade fabril (Figura 3).

Dentro da proposta de chamar a atenção da população para os impactos causados pela monocultura de eucalipto, a Rede Alerta elaborou ações de comunicação a partir dos seguintes objetivos: esclarecer a comunidade sobre o problema envolvendo o deserto verde; contratar um estagiário de comunicação para elaborar textos e materiais para divulgação; reforçar e estabelecer algumas alterações da identidade da Rede Alerta Contra o Deserto Verde através de símbolos já existentes (como a logomarca); desenvolver formas atrativas de comunicação que envolvesse a sociedade (por meio de campanhas e eventos); divulgar cartas e relatórios falando sobre os impactos causados pelo deserto verde no Espírito Santo.



Figura 2: Manifestação em frente ao banco Safra, no Centro de Vitória, durante a I Quinzena de Resistência ao Deserto Verde.

A partir desses objetivos, a Rede Alerta elaborou uma série de ações e produção de materiais para divulgação. Para melhor identificá-los, dividimos da seguinte maneira:

I) Boletim Informativo

A Rede Alerta fez durante esse período, um boletim informativo, com matérias e textos de integrantes da rede, falando sobre as comunidades impactadas pela monocultura do eucalipto e os problemas ambientais causados. Foram feitos um total de 10 mil unidades.

Apesar de serem realizadas edições anteriores, houve necessidade de se fazer um boletim com textos menores, de fácil leitura, congregando informações de todas as comunidades impactadas pelo deserto verde. A logomarca já existente passou por modificações devido a adesão à Rede Alerta por parte de entidades localizadas no estado do Rio de Janeiro.



Figura 3: Manifestação em frente ao complexo industrial da empresa Aracruz Celulose, durante a inauguração da nova unidade.

O *layout* do jornal também foi modificado, apresentando apenas chamadas com uma foto que trouxesse um impacto ao leitor e despertasse a vontade de ler o conteúdo. Além das matérias principais falando da inauguração da terceira fábrica da Aracruz Celulose, da divulgação de um relatório denunciando os impactos da monocultura de eucalipto, da situação de quilombolas, índios e pequenos produtores rurais. Também foi criado um espaço para matérias curtas, de no máximo quatro linhas, que informavam os impactos do deserto verde em outros estados.

II) Assessoria de imprensa

A partir da contratação de um estagiário, foram criados textos como: releases, matérias para jornal e sites, com o objetivo de serem divulgados na mídia e por outras ongs e movimentos sociais. A necessidade de um estagiário, segundo os integrantes da Rede

Alerta, tinha o objetivo de cuidar melhor das informações a serem divulgadas na imprensa e junto ao público em geral. Além da produção de textos e contato com meios de comunicação, o estagiário também se encarregou de elaborar um *clipping* de notícias referente ao dia da inauguração da fábrica.

III) Material audiovisual e publicitário

Foram produzidas cópias do documentário “Cruzando o Deserto Verde”, do diretor Ricardo Sá, que se tornou um importante instrumento de difusão dos efeitos do deserto verde no Espírito Santo. Durante a Quinzena de Resistência foram realizadas sessões desse documentário em lugares como Vila do Riacho (local próximo a planta industrial da empresa Aracruz Celulose), São Mateus (município onde a referida empresa detém grandes plantações de eucalipto) e em eventos organizados por estudantes da UFES no campus de Goiabeiras. A repercussão desse vídeo rendeu ao seu diretor o prêmio de melhor documentário no “III Festival Internacional de Cinema Etnográfico”, realizado no Rio de Janeiro, em 2002.



Figura 4: *Outdoor* na avenida Fernando Ferrari, em Vitória, durante a I Quinzena de Resistência ao Deserto Verde.

Em relação ao material publicitário, foram elaboradas camisas com a logomarca da Rede Alerta e com fotos onde chamam a atenção para o deserto verde. A Rede Alerta também se valeu da utilização de *outdoors* nos municípios de Vitória (Figura 4) e de Aracruz, além de adesivos, banners e faixas utilizados nos eventos e manifestações e um cartaz. Sobre os cartazes, foram reproduzidas 6 mil unidades para serem distribuídas no interior do Espírito Santo e em outros Estados. Boa parte desse material foi e distribuída através da internet para a imprensa e outras entidades do Brasil e do exterior.

Outro mecanismo utilizado pela Rede Alerta, foi a elaboração e divulgação do relatório do Pacto Internacional de Direitos Econômicos Sociais e Culturais (Pidesc), documento elaborado por organizações não governamentais em parceria com governos de países do continente americano. O documento denuncia os impactos socioambientais causados pela empresa Aracruz desde a sua instalação, cobrando reparações às comunidades que foram atingidas. No ano de 2002, esse documento foi apresentando na Assembleia Legislativa do Espírito Santo, na Comissão de Direitos Humanos do Congresso Nacional, na Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington (EUA) e entregue ao governo da Noruega, país onde se encontravam na época os maiores acionistas do grupo Aracruz.

Conclusão

Ao analisar as estratégias desenvolvidas pela Rede Alerta no ano de 2002, consideramos que houve sucesso em relação aos objetivos pretendidos. Com base nos depoimentos de entrevistados e na análise de jornais desse período, é possível notar que as mobilizações e a divulgação do material informativo chamou a atenção da população e promoveu um debate sobre os impactos causados pelo deserto verde no Espírito Santo.

Um exemplo do alcance desse objetivo foi a cobertura dada por veículos de comunicação de alcance nacional, como: O Globo, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. Esses veículos realizaram divulgação, tanto no impresso quanto no on line, sobre a manifestação realizada na porta da fábrica da empresa Aracruz Celulose, durante a inauguração da sua nova unidade. As matérias relatam aspectos como as denúncias envolvendo os impactos causados pela monocultura de eucalipto e a violação de direitos humanos. Diante do interesse da mídia nacional, os maiores veículos de comunicação

capixabas, que até então ignoravam essa temática, foram obrigados a noticiar as motivações da manifestação.

Outro aspecto importante a ser destacado tem relação com a produção e divulgação do material informativo e publicitário. Esse material foi fundamental para a difusão das ideias da Rede Alerta e divulgação dos efeitos causados pelo deserto verde nas comunidades impactadas. A distribuição de cartazes, adesivos, panfletos, jornais, dentre outras peças, possibilitou que vários segmentos da população tivessem acesso as informações sobre a temática envolvendo o deserto verde, o que despertou interesse e ao mesmo tempo busca de informação sobre o tema.

A combinação dessas estratégias de comunicação não apenas deu visibilidade aos impactos causados pelo deserto verde, como também gerou uma resposta por parte da Aracruz Celulose, que percebeu uma mudança em relação a opinião pública. Um indício dessa reação foi o investimento maciço em campanhas publicitárias com intuito de transmitir uma ideia positiva sobre o plantio de eucalipto. Mecanismo que segundo os representantes da Rede Alerta não era utilizado com tanta frequência pela referida empresa.

Atualmente a Rede Alerta Contra o Deserto Verde tem procurado estabelecer laços com outras entidades e com o poder público, empreendendo esforços para combater os impactos causados não somente pelo deserto verde, mas também por outras atividades que vem degradando o meio ambiente e violações de seus direitos.

Este estudo de caso envolvendo a Rede Alerta mostra a importância da comunicação como elemento estratégico para a atuação de movimentos sociais. Observamos que a comunicação produzida por vários agentes do movimento ambiental vem procurando associar formas de comunicação oriundas da comunidade com a utilização de recursos tecnológicos, articulando-se através de uma rede. Essa comunicação vem contribuindo para a propagação de uma crítica ao modelo de desenvolvimento implantado no Espírito Santo e em todo mundo, bem como um questionamento referente ao modelo de comunicação produzido pela grande mídia e os interesses a qual está atrelada.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **O Poder da Identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 2002.

McCORMICK, John. **Rumo ao Paraíso - A história dos movimentos ambientalistas**. [trad. Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar]. Rio de Janeiro: Relume-Durnará, 1992.

OVERBECK, Winfried. **Winfried Overbeck: depoimento** [jul. 2004]. Entrevistador: Erick Alessandro Schunig Fernandes. Vitória, 2004. Entrevista concedida para elaboração de monografia do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo.

PERUZZO, Cicilia Maria K. **Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RABELO, Desiree Cipriano. **Comunicação e mobilização social: Agenda 21 Local de Vitória**. 2002. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, 2002.

REDE ALERTA CONTRA O DESERTO VERDE (Brasil). **Relatório sobre a implantação e sobre as atividades do grupo Aracruz no território capixaba**. Espírito Santo, 2002. 70 p.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. 2. ed. São Paulo: Loyola. 1996.

VILLAS, Fabio. **Fabio Villas: depoimento** [jul. 2004]. Entrevistador: Erick Alessandro Schunig Fernandes. Vitória, 2004. Entrevista concedida para elaboração de monografia do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo.